

A VOZ DE MELGAÇO

Redactor e Administrador:
JÚLIO HILARIÃO VAZ

Quinzenário católico e regionalista

Redacção e Administração, interinas - Residência Paroquial - Melgaço
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada - Braga
AVENÇA

Chefe de Redacção e Editor:
CARLOS ANTÓNIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL: 20\$00

ANO - XIV - N.º 228

Melgaço, 1 de Março de 1961

Basta!!!

Somos bons, por temperamento e por formação; somos decididos e valentes quando a hora o impõe e as necessidades o determinam; também somos dados à hospitalidade e à amizade. Mas não será ocasião, não estaremos numa volta da estrada em que nos devemos tornar um pouco, não diremos cépticos, mas menos dados à boca-fé? Que lição nos deu, entre muitas, a triste aventura do «Santa Maria» e dos seus assaltantes? Na realidade, é de causar engulhos, mesmo aos que usam e abusam das magnésias, para antidotos de comensais à portuguesa e bem regadas, ver este País, pequena, no extremo ocidental da Europa e da Península Ibérica, ser aquele que é primeiro na extensão territorial pelos quatro cantos do mundo! E pode mesmo um malandrete dum Jean Farran, no «Paris-Match», afirmar que «Os portugueses tem conservado as suas colónias (sic), porque as não tem feito progredir», além de outras aleivosias, que bem sabemos o porquê da treta; pode, afirmar o que quiser e entender, pois bem sabemos onde lhe dói... E já que quer conversa, oiça mesmo esta pequenina «voz», perdida nas serranias do norte de Portugal, dizer-lhe que foi nesta terra, de «Santa Maria», que cortamos as suas ás águas napoleónicas; que aqui liquidamos, vai na roda de pouco mais de um século, quem nos assaltava propriedades e templos e levava como espólio, riquezas de museu. Fique sabendo, seu atrevido, que nesta nossa terra, quem diz o que quer, ouve aquilo que talvez não goste. Faltava-nos outro, para o empolearmos, com o célebre «Plumer»! Talvez seja melhor, virem até cá e de viva voz, contarem essas coisas que dizem, sabendo-se a bom recato!!! Temos muita admiração pelos Países que ao Mundo e à Civilização, tem dado lições e mostrado epopeias; mas na sua grandeza, exigimos-lhe respeito, que aliás nos é devido, a nós, que nos não metemos na vida de ninguém. Que direito e que liberdade é esta — oh! «Santa Liberdade!» — de entrarmos pela casa dos outros e exigirmos, impormos que a governem à nossa moda e a nosso bel-prazer?

Que têm estes fariséis de nos virem oferecer uma liberdade, que lhe não pedimos, de que não necessitamos, porque afinal, livres, essencialmente livres, somos nós? Por amor de Deus... guardem essa «Santa Liberdade», para uso interno!!!

Os amigos, é velho e revelho, que se conhecem nas ocasiões. Foi o que fez — graças a Deus! — a imprensa honesta e honrada de todo o Mundo! Foi o que fez, entre tantas, a da nossa vizinha Espanha!

É bom que se abram os olhos! Para fora e para dentro! Para lá, para o exterior, venda quem foram aqueles que numa hora, não dizemos difícil, mas pelo menos dolorosa do nosso viver pacífico, nos acompanharam, hora a hora, minuto a minuto! Esses, sim! São os verdadeiros amigos, os que aparecem nas horas de vitória e alegria, como nas de incerteza e ansiedade...

Para a banda de cá, para que se extremem devidamente os campos: — de portugueses de Portugal e os de alma vendida ao Diabo. Tem-se tantas vezes aquecido a serpente no seio que, de admirar é na verdade, que ela ainda não tenha, nos habituais requintes de réptil e traição, inoculado o veneno que mata no corpo que as protege. Quem não conhece essas serpentes? Almas cândidas, com peles pacíficas de cordeiro.

(Continua na 4.ª página)

Carta aberta CAVALEIRO HLVO, 28

Aos meus irmãos e demais
Conterrâneos que labutam
pela França e Canadá

Saúde, e que Deus os proteja.

Quis Deus que por mim chegasse até vós um apelo, para uma obra que era Sua. Assim, a todos escrevi pelo próprio punho. E vós soubestes ver, pensar e responder.

Muitos de vós responderam-me com a sua caligrafia. E todos com a generosidade que vos é própria.

Mas ele que foi pronto em pedir, nem sequer se lembra de agradecer — direis vós. Mas não foi assim. Apenas procurei o meio e a altura de o fazer da melhor maneira. Assim, crendo piamente que vós me dispensais o trabalho de agradecer a um por um, individualmente, eis-me aqui a lavar em letra redonda o vosso louvor, um muito obrigado, e o voto sincero de nunca vos esquecer, diante de Deus, sobretudo.

É sempre digna de louvor uma atitude tão cristã. Na verdade, longe das vossas terras e famílias, lutando por dias melhores e sabe Deus com quantos sacrifícios, mostrastes sentimentos bem cristãos, pois pelas vossas cartas eu vi o vosso interesse por ter a meio dos nossos lugares a Casa de Deus muito assediada, como o caso o exigia. Isto já é alguma coisa... é muito! Quero manifestar-vos também o meu muito obrigado. Respondestes quase todos — sei que alguns esperam a melhor ocasião para enviarem suas ofertas — e prontamente.

Que Deus Nosso Senhor vos pague, e como só Ele costuma: cem por um.

(Continua na 3.ª página)

«Notícias de Melgaço»

Fez anos no dia 17 de Fevereiro o nosso colega local.

Relatório da Gerência Municipal de 1960

Ex.ªs Senhores Vogais do Conselho Municipal
Conforme determina o n.º 3.º do art.º 77.º do Código Administrativo, cumpre-me apresentar o relatório da gerência da Câmara, referente ao ano findo. É um relatório resumido, mas V. Ex.ªs podem examinar a conta da gerência aqui à disposição e já aprovada pela Câmara pela qual podem mais minuciosamente tomar conhecimento de como foi a gerência na parte referente a receitas e despesas.

EM OBRAS NOVAS, FOI DISPENDIDO: (por contos)

Na construção da Estrada Melgaço-Alcobaca, por Fiães 137
Idem, no caminho da Senhora de Lourdes a Sá-Paços . 125

EM REPARAÇÕES: (por contos)

Reparação da Rua do Rio do Porto 7
Pavimentação do Largo Hermenegildo Solheiro 26
Nos Paços do Concelho 7
Em estradas e caminhos 11

OUTROS SERVIÇOS: (por contos)

4.ª e 5.ª prestações do projecto de saneamento desta Vila 10
Parte do terreno para a construção do edificio escolar, desta Vila 28
Reembolso ao Estado do custo da cadeia e das escolas — Plano dos Centenários — anuidades 74
Total: 425

As comparticipações recebidas do Estado e do Fundo do Desemprego foram de 257 contos, aproximadamente. A cobrança das receitas totais, exceptuando as provenientes de comparticipações foi inferior à do ano anterior, em 6 contos, o que não é de admirar visto as circunstâncias actuais darem lugar a uma menor cobrança de impostos indirectos. Em principio calculamos mesmo que a baixa de rendimentos fosse maior.

Foram satisfeitos todos os encargos e despesas obrigatórias na forma dos mais anos, verificando-se que, para o presente ano transitou um saldo em dinheiro na importância de 98 674\$70.

RECEITAS COBRADAS: (por contos)

Impostos directos 252
Impostos indirectos 264
Rendimento de diversos serviços 107
Rendimento de bens próprios 44
Reembolsos e reposições 20
Consignação de receitas 105
Receita extraordinária 257
Soma: 1 049
Saldo do ano anterior 113
Total: 1 162
(Continua na 3.ª página)

POR ABSOLUTA FALTA DE ESPAÇO...

Não podemos publicar neste número: uma Carta Aberta, da Direcção dos Bombeiros Voluntários, a correspondência de Parada, e «Ontem e hoje».
Que nos perdoem os autores dos trabalhos e os nossos leitores.

Da Vila

Fevereiro, 24.

ECCE ITERUM CRISPINUS...

Por conversas que temos tido, sabemos que muitas pessoas desejariam erguer casa junto às estradas, tanto nacionais como municipais, mas a maior dificuldade que se lhes depara é a da obtenção do competente terreno para a construção. E isto nem só na ribeira como também no monte.

Na Ribeira, este problema não tem solução, pois só por preço exorbitante e especulativo alguém poderá conseguir meia dúzia de metros quadrados de terra; porém, no monte, já o caso seria facilímo de resolver, bastando para tanto que o Governo, junto às respectivas estradas, dividisse os baldios em lotes e vendesse estes por preços acessíveis a quem dos mesmos carecesse, com o que só teria a lucrar; pois, com tal procedimento, eram novos proprietários que anualmente pagariam à boca do cofre da Secção de Finanças novas contribuições prediais aumentando, assim, a receita do erário.

A solução era esta; mas... não nos iludamos, porquanto sobejamente conhecido é o axioma que diz: **de minimis non curat praetor**. Claro que não. Claro que o pretor não se ocupa de coisas insignificantes. Não se ocupa e... é pena!...

CRISPINO

Curso de poda — Na local que com esta epigrafe publicamos em a nossa última carta, por obra e graça do sr. Tipógrafo, saiu asneira grossa; pois no nosso original não se dizia que o Grémio da Lavoura concorreu com 600\$00, nem o Posto Agrário com 400\$00, mas sim que aquele contribuiu com 60% e este com 40%, o que é muito diferente. Agora se a máquina não tem este sinal... nesse caso escreva-se por extenso para evitar dichotes... geralmente parvos.

Pésames — Enviámo-los muito sentidos ao digno Comandante da Secção da G. F. desta localidade, sr. tenente Vasco Machado Ferreira Vilas Boas, bem como a sua Ex.^{ma} Esposa, sra. D. Maria Aurora Peixoto de Oliveira Vilas Boas, e a seu filho sr. alferes Vasco de Oliveira Vilas Boas, pelo recente falecimento do sr. Diogo José de Oliveira, nosso colega na Imprensa e antigo regente da afamada Banda de S. Martinho de Gandrá, Ponte de Lima, donde era natural.

Presunto — Presentemente, é de 25\$00 e 27\$00 o quilo, respectivamente, a compra e a venda, do afamado presunto de Melgaço, o melhor do mundo, mormente o de Castro Laboreiro, Lamas de Mouro e Fiães.

Lampreias — A pesca abriu no pretérito dia 15, mas na véspera, em 14, já vimos vender algumas a... 50\$00 cada. Agora, regulam pelos 40\$00, também cada, o que equivale a dizer ser ainda comida para os Cresos... para os arquimag-nates da finança.

Falecimento — No pretérito dia 17, faleceu, nesta Vila, a sra. Georgina Cândida Marinho, de 80 anos, filha de João Cândido Marinho (Cândido da Orada) e de Maria Delfina Dias (Rodeira) e viúva, desde 25-1-1957, de Mâncio Rosa Alves de Melo, com quem havia casado em 3-12-1905. Era pessoa geralmente estimada, pelo que a sua morte foi muito sentida.

A toda a família enlutada, em especial a sua filha sra. Celeste Alves de Melo Rocha e a seus filhos srs. Abel Júlio, Cândido, Guilherme António e Alberto Alves de Melo, apresentamos sentidos pésames.

Desastre de viação — Ante-ontem, quando o sr. António Joaquim Domingues Baptista, casado, de 26 anos, da vizinha freguesia de S. Paio, conduzia a sua furgoneta pela Rua D. Manuel II, da cidade do Porto, levando em sua companhia o sr. Gaspar de Araújo, pedreiro, casado, de 34 anos, desta Vila, embateu violentamente contra um automóvel

GRI... GRI... GRI.

Para a declaração a apresentar pelo Rev. do Pároco, bem como para os atestados da Junta de Freguesia há nas livrarias uns impressos adequados, mas, na falta deles, podemos utilizar papel de 25 linhas.

Declaração para o casamento católico:

Ex.mo Sr. Conservador do Registo Civil do Concelho de...

F., pároco da freguesia de..., nos termos do n.º dois do art.º 149 e para os efeitos do n.º dois do art.º 150 do Código do Registo Civil, vem requerer a instauração do processo preliminar de casamento católico

(Continua na 4.ª pág.)

O meu Ficheiro

(Continuação da 4.ª página)

amabilidade e gentileza; mais beba, beba, sr. Loureiro que bebe daquilo que é seu, e a vaquinha tocava seu fim.

Nisto, de rosto biloso e mais danada que uma bicha de rabiar, aparece a mulher do Loureiro que, sem quaesquer preâmbulos, increpa a respeitável stúcia:

— Burrachons e ladrõns das minhas uvas da Cancelal Rafinadíssimos ladrõns e burrachons!... Ide roubar pra uma serra, malandros!...

E a boa da tia Carolina, de mãos cruzadas na cabeça, sufocava. Estava mesmo fera!...

Quando tal ouviam, os ferrabrazes, cada um para seu lado, fungavam em surdina; e o bom do sr. Loureiro, meduzado pela sarabanda com que a sua cara-metade o estava mimoseando... ao fim e ao cabo, compreendia que tinha comido e bebido daquilo que era seu, só seu, e muito seu. Para «desfarrar», riu-se; mas deveu ter sido um riso amarelo... um riso da cor do açafraõ.

Mário

particular, pertencente ao sr. Manuel Augusto Ferreira da Silva, daquela cidade.

Do embate, resultou ficarem feridos os ocupantes do primeiro veículo, cujo condutor sofreu feridas contusas no frontal, na perna esquerda e no braço do mesmo lado; e, o seu companheiro de viagem, fractura num braço e ferida incisiva e contusa no queixo, pelo que ambos foram transportados ao Hospital Geral de Santo António, onde receberam tratamento.

A furgoneta, na parte da frente e no lado esquerdo, também ficou algo danificada.

Desejamos as melhoras dos sinistrados.

O tempo e a agricultura — Com violento temporal desfeito, voltou a chuva, o que novamente veio interromper os trabalhos agrícolas, que estão ainda muito atrasados.

— Agora, aos interessados, lembramos que em Março podem semear: — abóboras (x), acelga, agridões, aipo, alfaces, alho-porro, beringelas (x), betarrabas (todas), cenouras, couves diversas (especialmente couve-flor e repolhos), ervilhas, espinafres, feijões (x), linho, mostarda, pepinos (x), pimentões (x), rabanetes, salsa e tomates (x).

— Ultimam-se as podas, limpesa e plantações de videiras, árvores de fruto e outras; intensifica-se a plantação de batatas, e não esquecer de vacinar os ovinos e caprinos contra o carbúnculo (baceira) e os suínos contra as doenças rubras.

(x) No fim do mês.

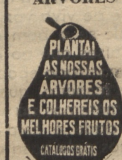
Se ouvires trovejar em Março, semeia no alto e no baixo.

Sociedade

Aniversários

FAZEM (ANOS: — Ana-nhá a menina Maria José Gomes Domingues; no dia 3 os srs. Henrique Fernandes Bermudes e José Dias de Figueiredo, no dia 5 D. Generosa da Costa Cardoso; no dia 7 a sra. D. Clarisse da Mota Solheiro Pinto e o sr. Joaquim de Jesus de Sousa; no dia 8 a sra. D. Ana de Fátima Fernandes Pereira de Melo, a menina Maria de Lourdes Monteiro Calheiros e os srs. António Dias Soares, Augusto e José de Sousa Lobato; no dia 9 a sra. profa. D. Isabel Guerreiro Ranhada, o sr. sargento Antonino Napoleão Gonçalves e o menino António Cândido Esteves; no dia 11 o sr. Manuel José Gonçalves (Coelho), as meninas Eliza Maria Rodrigues e Maria Margarida de Sousa Carqueira; e o menino Jorge Miguel Trancoso Bermudes; no dia 12 as sras. D. Maria Antónia Vaz Gomes Pinheiro e D. Maria Luíçovina Gonçalves; no dia 13 o sr. Francisco Augusto Grajaia; no dia 14 as sras. D. Aida da Anunciação Domingues e D. Nazaré Gomes de Sousa Araújo; e no dia 15 a sra. D. Maria Carolina Gomes de Sousa Gonçalves.

AS MAIS SELECIONADAS ARVORES DE FRUTO



As melhores sementes de flores e de horta. As mais lindas ROSAS premiadas em concursos internacionais.

Camélias, arbustos, arvores, bolbos, insecticidas, fungicidas. Construção de jardins, parques e pomares.

ALFREDO MOREIRA DA SILVA & F. Lda
Telef. 21957
Rua D. Manuel II, N.º 55
PORTO
Teleg. Roselandia — Porto
CATALOGOS GRATIS

Pinto de Magalhães, L.da

BANQUEIROS

CAPITAL E RESERVAS: Setenta e cinco milhões de escudos

PORTO — Rua Sá da Bandeira, 53 — Telef. 20133 (P. P. C.) 7 linhas
LISEOA Rua do Ouro, 95 — Telef. 366056 (P. P. C.) 5 linhas
AMARANTE * ARCOS DE VALDEVEZ * PENICHE * ELVAS * VILA DA FEIRA * FATIMA

CORRESPONDENTE NO RIO DE JANEIRO
Pinto de Magalhães, L.da — Rua do Ouvidor, 86

Faça render as suas economias depositando-as em

Pinto de Magalhães, L. da

BANQUEIROS

Todas as Operações Bancárias

Relatório da Câmara Municipal de 1960

(Continuação da 1.ª página)

DESPESA:
(por contos)

Encargos de empréstimos	24
Pensões de aposentação	2
Presidência	13
Secretaria	231
Tesouraria	9
Serviços de Saúde	83
Sanidade Pecuária	9
Serviços de higiene e limpeza	4
Serviços de águas	19
Cemitério	6
Matadouro	1
Serviços de Fiscalização	53
Mercados e Feiras	2
Obras	53
Jardins e arborização	16
Cadeia	64
Serviços de aferição	11
Instrução	63
Pagamentos por consignação de receitas	106
Despesa extraordinária (obras)	295
Soma	1064
Saldo para o ano seguinte	98
Total	1162

Certamente que V. Ex.^{as} gostarão de tomar também conhecimento de realizações que estão nos nossos anseios — algumas das quais sem encargos para a Câmara — e que mais se tem diligenciado pela sua realização.

EDIFÍCIO ESCOLAR DO NÚCLEO DA VILA:

Este problema que vem sendo debatido, há muitos anos, foi posto por esta Câmara mais uma vez como ele se apresenta, a Sua Ex.^a o Senhor Ministro das Obras Públicas em 11 de Outubro último. A este respeito e em resposta recebemos da Ex.^{ma} Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais em Dezembro último o seguinte: «... em cumprimento do determinado por Sua Excelência o Ministro das Obras Públicas, no seu despacho de 5 do corrente (refere-se a Dezembro de 1960), de que em virtude da situação do terreno escolhido para a construção do edifício escolar do núcleo de Melgaço, foi elaborado um projecto especial, que deverá ser submetido à apreciação e aprovação superior, dentro de 15 dias, com o objectivo de dar uma solução rápida ao problema».

E para já, é tudo o que sabemos.

PONTE ENTRE O PESO (S. Marcos) e ARBO (Espanha):

Devem saber já V. Ex.^{as} que foi pedida, superiormente a construção desta ponte. Ninguém, com certeza, contesta a grande utilidade desta obra para as povoações vizinhas de um e de outro lado e sobretudo para o turismo, beneficiando assim todo o concelho e em primeiro lugar a Estância Termal do Peso.

Sabemos que este pedido está a ter seguimento e que, para já, não teve entraves.

CASAS DOS MAGISTRADOS:

A Câmara, tendo conhecimento de que se tem construído em muitas comarcas estas casas, não quis perder a oportunidade de pedir também estas construções aqui para a nossa comarca, para poder dar, assim, alojamento condigno aos dignos magistrados.

Fomos informados, em referência a este pedido, e pelo Ministério da Justiça que foi registado para oportuna consideração o pedido do município de construção das casas dos magistrados.

ESTALAGEM DE UTILIDADE TURÍSTICA:

Tem Melgaço grande necessidade de uma unidade hoteleira condigna aqui na sede. Neste sentido temos empregado os nossos esforços (e outros amigos da nossa terra fazem o mesmo), que estamos esperançados não sejam em vão.

Sabemos que o respectivo projecto está a ter seguimento normal.

CADEIA COMARCÁ:

Como sabem, a Câmara está a satisfazer o seu débito contraído com esta construção (347 879\$90) incluindo os juros, desde 1956, em 2 prestações semestrais de 28 800\$00 cada. A Câmara em virtude de este encargo lhe estar a causar os maiores embaraços e alegando em seu favor as dificuldades causadas com este encargo, pediu lhe fossem cancelados os pagamentos futuros, dando-nos assim esta conta como paga.

SEMANA MISSIONÁRIA

Está a decorrer no Seminário Conciliar de Braga, desde o dia 27, uma semana de estudos sobre problemas missionários da máxima importância e urgência.

Enquadrada nela realizar-se-á no próximo dia 2 a Academia do Oriente Cristão, na qual será tratado o actualíssimo problema da união dos Ortodoxos com a Sé de Pedro. O encerramento será no dia 4 do corrente.

Sobre este assunto foi-nos dito que era de acreditar que a Câmara fizesse este pagamento com dificuldade, mas acrescentava: «... Não parece porém possível isentar a Câmara do resto do pagamento a menos que fosse publicado um diploma legal que o permitisse».

ELECTRICIDADE NACIONAL:

A Câmara, depois do parecer dado, pela Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos — parecer desfavorável à exploração — por parte da Câmara —, resolveu informar superiormente que outorgaria a distribuição da baixa tensão à Empresa Hidro-Eléctrica do Coura. A concessão actual com a Empresa espanhola termina em Junho próximo. Em vistas disso temos vindo a lembrar superiormente esse facto.

Presume-se que a demora seja devida à falta de acerto do contracto entre o Estado e aquela Empresa.

ESTRADA DO MESIO A PENEDA:

É uma obra de grande alcance para nós, que muito nos beneficiará, e para o turismo do Alto Minho.

Com esta construção ficará aberto o percurso Arcos-Melgaço-Monção e vice-versa. A construção das terraplanagens e obras de arte desta estrada, entre o Mesio e Peneda, na extensão de 14 quilómetros está prevista para 1962-67.

Pená foi não ser possível incluir no mesmo plano a construção do lanço da Peneda a Lamas de Mouro (10 km.).

A construção desta obra dentro daquele plano foi pedida pelo Presidente da Câmara dos Arcos e pelo Ex.^{mo} Governador Civil, que fez o favor de falar por nós por não ser possível a nossa deslocação naquela altura.

OBRAS DO PLANO DE FOMENTO — VIAÇÃO RURAL:

Como sabem, estas obras estão umas em execução e outras à espera de vez. A da Senhora de Lourdes a Sá (Paços) está em construção; a de Fiães, idem, estando a abertura de Cavaleiros a Paço quase concluída e indo logo iniciar-se a de Paço à Candosa. Vai ser brevemente levantado o projecto do troço restante (Candosa-Adevelha).

A de Várzea Travessa a Rodeiro (Castro Labreiro) já foi presente superiormente o projecto com o respectivo pedido de comparticipação.

A de Vila (Castro Labreiro) aos Portos, está a proceder-se ao levantamento do projecto.

E a de Pomares a Couso aguarda também pela sua realização. Esta obra não foi possível dar-lhe já início, em virtude da desactualização dos preços do projecto.

SANITARIOS NESTA VILA:

Não puderam ser iniciados em devido tempo por motivo do mau tempo, que, aliás, tem atrasado todos os trabalhos, mas estão, presentemente, em execução.

ABASTECIMENTO DE AGUAS:

Pouco se tem feito neste capítulo em virtude de não podermos chegar a todas as necessidades ao mesmo tempo.

Muito poderíamos fazer as juntas de freguesia conseguindo do povo a quota-parte que a Câmara não pôde dar.

E é só isto. A nossa situação financeira não permite que se faça mais.

Mas... devagar se vai ao longe.

Todos tiveram conhecimento do que se passou na ONU em afrontosos ataques à nossa soberania.

Todos têm também conhecimento do que se passou com o barco «Santa Maria», do que se está a passar em Luanda, na nossa província de Angola e da atitude nada patriótica e de mau gosto de alguns portugueses que teriam sido recebidos pelo Chefe do Estado.

Aqueles acontecimentos e estas atitudes aconselham-nos a cerrar fileiras em volta do Governo, manifestando-lhe incondicional apoio na defesa da integridade da Pátria e na repressão de acções tão indignas e desonrosas e a manifestar-lhe também a mais viva repulsa e indignação por tais actos.

Proponho que fique na acta este nosso protesto.

Melgaço, 13 de Fevereiro de 1961.

O Presidente,

Manuel José Rodrigues

Paços, 10

Já está feita a frente da Igreja Paroquial, e torre. O empreiteiro terminou o seu contrato.

Nesta Freguesia ceram à luz: a estimada mulher do nosso amigo João, por alcuinha o Ferramentas, um lindo menino, do lugar das Granjas; no mesmo dia deu à Luz outra linha menina a meta do Senhor Luís Manuel Alves da Ferreira, mulher do nosso amigo Antãozinho, proprietário do Tacho em Melgaço.

Também no mesmo dia fez uma operação à apêndice o nosso amigo Avelino Alves, do Govendo, e que com a ajuda de Deus se encontra bem. Está ainda no Hospital da Vila de Melgaço desejando-lhe boas felicidades e saúde perfeita o C.

Cavaleiro Alvo, 28

(Continuação da 1.ª pág.)

Por fim queria dizer-vos que a nossa Capela tem como Padroeiro o glorioso S. Paio, rapaz que foi e morreu às mãos de uns ver-lugas emouros, pois não quis ser infiel ao seu Deus e Sua Santa Religião, e não cebeu as promessas fagueiras e ímpias carícias de Abderramão III.

Ele, a quem vós ides regalar uma Capela ASSEADINHA, olhará com carinho para todos vós, vós que trabalhais, talvez lado a lado com os FILHOS daqueles que O mataram, e que conservam a mesma febre morenia e as mesmas praxes de Maomé; e com outros que não se parecendo com belias na cor da pele, são talvez de cores mais negras em suas ideias, no ódio à Santa Igreja, que vem a dar em glória a Deus e à Sua Santa Religião.

Pois que Ele vos livre destes males da alma... e do corpo também. Que Ele vos ampare e vos guarde e nesse perigos em que sei que vós trabalhais todos os dias.

E para a Festa não deixeis de vir admirar a beleza — porque vai ficar bonita mesmo, e artística — não deixeis de vir admirar a beleza da nossa Capela. Se Deus quiser, por essas alturas haverá também por cá outra festa que não deixará de ter o seu interesse.

Mais uma vez, muito obrigado.

Aos meus estremecidos irmãos, Augusto e Manuel, aos meus Primos e Tios: Zeca, António, Aníbal, Armandinho, Miro, etc.; a todos os amigos conterrâneos um abraço muito forte e até ao Verão, se Deus quiser.

JOSE CANDIDO
MARQUES

GENTE E COISAS
DE
"O MEU FICHEIRO"

O CABO LOUREIRO

O cabo José Loureiro, geralmente mais conhecido por Loureiro de Santo Amaro, não era natural deste lugar, porquanto nasceu, em 1863, na freguesia de Ponte do Góve, concelho de Baião, tendo tido por pais o Bernardo Loureiro e a sua mulher Joana Maria. Certo que no referido lugar de Santo Amaro casou ele com Maria Carolina Fernandes, filha de João Manuel Fernandes e de Joana Maria Fernandes, no mesmo viveu a maior e talvez a melhor parte da sua vida e aqui faleceu em 10-2-1934, sem de si ter deixado inimigos nem geração.

Lembro-me tão perfeitamente dele como se neste momento o estivesse a ver e a ouvir...

Era um homem todo pontinhos. Mais bom do que mau; mais mesquinho do que generoso, e mais inteligente do que tolo. Tinha, porém, o fraco de considerar-se um finório, predicado este que — apesar da sua dosezinha de arteirice — ele esteve longe de alcançar, pois não era difícil comer-se-lhe as papas na pinha, como popularmente se diz-se.

Dele ficou célebre certa partida que os seus subordinados lhe pregaram — partida de que eu já me fiz eco algures, mas repito-a aqui tal qual a ouvi da boca do falecido António Maria de Barros — o «Tonmaritão» — do fadado lugar de Santo Amaro e um dos comparsas da mesma, que com sua voz de trombone rachado a contava assim:

Seria aí por 1915, seria. Estava-se nos últimos dias de Agosto — ou nos primeiros de Setembro e as uvas amadureciam a olhos vistos.

O nosso Cabo Loureiro comandava então o posto da G. F. de Mourantão, onde se conversava parece que sobre as vindimas que pronto estariam à porta...

Súbito e sem qualquer transição, aquele Loureiro pergunta ao seu subordinado Castro (Joaquim Nunes de Castro) da Ponte-Pedrinha:

— E, a «preposição», ó Castro, você já me consentou o pipote?...

— Está prontinho, sr. Loureiro, é só ferver nele e meter-lhe vinho p'ra dentro. Eu logo, em saindo de serviço, já lho mando a casa!

O cabo Loureiro, pensou um momento, coçou a cabeça e atalhou:

— Não, à casa não...! Podia-se trazer para aqui... e fazia-se nele um «fromentinho» com uvas... com uvas das do Lopo do Arrochal. Ahn! rapazes, que vos parece a ideia?!

Os ferrabrazes todos em unísono:
— Ótimo, sr. Loureiro, ótimo! o sr. fala que nem o oráculo de Delfus. Pronto! pois está dito!...

Caía a tarde e a conversa, mais ou menos, ficou por aqui... Na madrugada do dia seguinte, o cabo Loureiro, depois de ter recomendado aos seus homens que tirassem um cacho aqui outro acolá «pra desfarçar» assumiu as funções de plantão ao posto e aqueles lá se foram fazer o seu «São Miguel». Porém — ó ingratião — não foram às uvas do Lopo, não. Directa e propositadamente, foram ao campo chamado da Cancela que pertencia... — ora a quem havia de pertencer... — ao próprio cabo Loureiro, onde não estiveram com meias demazias nem procuraram «desfarçar»: — vindimaram a oito coisa de um cesto de uvas, pouco mais ou menos...

Ora feito e fervido o mósto, o bom do Loureiro generosamente puxou os cordões à sua bolsa e mandou comprar trigo à vizinha povoação fronteiriça de S. Cristovão, após o que, em ambiente de grande animação, toca tudo minha gente a fazer as devidas honras ao «fromentinho». Então aquele Loureiro só dizia:

— Que bô, rapazes, inté parece bello!
Ao que os maganões, muito solícitos, muito amáveis, muito atenciosos, em suma todos mel, insistiam:

— Pois «atão» beba, beba, sr. Loureiro, que bebe daquilo que é seu...!

E o bom do Loureiro, comovido até à medula com tantas demonstrações de estima e respeito pela sua pessoa, retorquia:

— Meu não, rapazes, isto é de nós todos!...
Mais vénias e mais salamaleques; mais requintes de

(Continua na 2.ª pág.)

Atenção ao Posto
de Cavaleiro-Alvo!

Não tem sido muito regular o funcionamento deste Posto de ensino, em virtude de a Direcção Escolar ter enviado em vários anos, a Regente Titular em serviço de «Comissão». Disso temos muita pena nós, de Cavaleiro-Alvo, e mais alguém...

(Mas o que não está certo é que haja quem queira cortar a árvore pela raiz, o que se faria com prejuízo manifesto para todos, mas com vontade que o seja, sobretudo, para nós.)

O caso já subiu ao «Ministério da Educação Nacional». O Ex.º Director Escolar já visitou a localidade, sendo-lhe patente a evidência da razão que nos assiste, e a conveniência extrema que é este núcleo de Cavaleiro-Alvo. O seu parecer pessoal parece ter sido de que o núcleo estava criado, e muito bem criado. As aulas continuaram, e por ordem do Ex.º Director.

Até aqui, nada de anormal.

Surgiram, porém, complicações que a Ex.ª Direcção parece não poder resolver facilmente. E o caso parece estagnado nestes termos. Mas não está, porque não podia estar. E porque não está, e porque parece um tanto segredo, desconfiamos. Por isso aqui fica o nosso apelo às autoridades responsáveis.

Do Ex.º Delegado Escolar, que conhece a grande utilidade pública do Núcleo, ao Ex.º Director que já conhece o caso pessoalmente, e de uma maneira especial à Direcção Geral (Lisboa) queríamos pedir que de nenhuma maneira se pensasse em desfazer um «Núcleo» de tão grande utilidade e necessidade pública, dada a situação geográfica dos dois lugares do mesmo Cavaleiro-Alvo e Luvivô.

Que os nossos homens espalhados pelo estrangeiro não possam afirmar que a última regalia — a única que reconhecem como tal — concedida pelo Estado Novo lhes foi retirada.

Estas linhas são um apelo angustioso daqueles que vivem longe de suas esposas, e não querem ver a intimidade do lar e da família agora por completo desfeita, uma vez que os seus filhos passarão parte dos seus dias a atravessar montes e quase todo o tempo longe do olhar protector de uma Mãe.

José Cândido Marques

BASTA!!!

(Continuação da 1.ª pág.)

Há sangue português derramado no campo da honra e do dever cumprido, que, agora não pede, nem lembra, mas exige, que não seja vingado, mas honrado com a fidelidade intensa à causa que se viva, se sinta e se diga que se serve. Acabem as contempções, antes que todos sejamos varados nas pontes de comando, nos campos de concentração!

Digamos, continuemos a mostrar a essas senhoras de fora, «plumas, farrans & seita» que vejamos se não temem com que se preocupar nos seus países. A nós, que nem os chamamos para cá virem, nem lhe aceitamos as insinuações malévolas e venenosas da sua «liberdade de imprensa» que, sabe-se bem, em tantas terras outra não pode ser de que libérrima liberdade do coro do «amen», do «partido».

Embora sós, com a tal nossa pobreza, o nosso atraso e todos esses mimos com que nos brindam, não tenham pena de nós, deixem-nos cá neste nosso viver... Não tencionamos pedir-lhes nada e, além disso, não devemos coisíssima alguma a quem quer que seja, o que representa outro espinho, outra dor!...

Bem se sabe e talvez seja esse o desejo de muitos desses escrevinhadores que andam para cá a caluniar-nos, a realidade prática, mesmo positiva, dum pensamento de Cervantes: — «E uma bela coisa mandar, ainda que seja numa vara de porcos».

Pois metam-se com estes e deixem em sossego e na calma aqueles que nada lhes devem, nada lhes pedem, nada lhes pretendem, mesmo que seja dos que tendo cá vindo, talvez tenham beneficiado de passeios turísticos, da franqueza, da amizade desinteressada dos portugueses de Portugal!

Embora nos vejamos sós, nada temos a temer, muito menos receamos, porque possuímos uma consciência inteiramente em paz, trilhamos por caminhos da honra e da justiça; o tempo, rodará na volta das suas horas e veremos, se lá chegaremos e Deus quiser, o volte-face, tal como o de certos charlistas que, durante a última guerra, tantas coisas desagradáveis nos disseram pelos microfones estrangeiros e hoje, já os ouvimos nos nossos, perfeitamente voltados ao contrário...

Felizmente, que a memória nem sempre é fagueira! Bem hajam e que o arrependimento seja sincero!

Abel Varela e Seixas

Gri... Gri... Gri.

(Continuação da 2.ª página)

dos nubentes: Fulano, idade, estado, profissão, naturalidade, residência e filiação... e Fulana, etc. que pretende contrair casamento canónico na paróquia de... concelho de...

Para instruir o respectivo processo junta a esta declaração os 37\$60, os bilhetes de identidade e os atestados de residência e situação económica, prometendo juntar depois os que forem necessários.

Os nubentes são portadores dos bilhetes de identidade respectivamente n.os... datados de... passados em...

Pede deferimento.

Data

O Pároco...

Atestado de residência:

A Junta de Freguesia de... concelho de... Atesta que Fulano, estado, idade, profissão, naturalidade e filiação reside no lugar de... desta freguesia há mais de 12 meses, em habitação continua e sem ausências para o estrangeiro ou províncias ultramarinas.

Por ser verdade e para efeitos de casamento, ao abrigo da alínea b) do art.º 364 do Código do Registo Civil passo o presente atestado que assino sob o selo branco desta Junta.

Atestado de situação económica:

Fulano (estado, como no primeiro) vive sob si, e o salário que auferir é estritamente indispensável à sua subsistência, não tem outros rendimentos, e o seu salário mensal é de setecentos e cincoenta escudos aproximadamente.

Está isento do serviço militar como prova com o título de isenção n.º... de... que apresentou. Por ser verdade, etc.

Griolo

a VOZ de MELGAÇO

Redactor e Administrador:
JÚLIO HILARIÃO VAZ

Quinzenário católico e regionalista

Redacção e Administração, interinas — Residência Paroquial — Melgaço
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada — Braga
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor:
CARLOS ANTÓNIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL: 20\$00

ANO — XIV — N.º 229

Melgaço, 15 de Março de 1961

Ontem e hoje...

— Era nas horas trágicas de tormenta, quando a barquinha nacional sacudida pelas vagas do ódio e da ambição ameaçava desaparecer para sempre nos antros escuros da perda da independência; era nos dias gloriosos em que a vocação de Portugal de dar «novos mundos ao mundo» se efectivava na epopeia dos descobrimentos; era então que o grito de guerra — por Deus e Portugal, Arraial!... Arraial!... — ecoava do Minho ao Algarve a acordar os ânimos da raça lusa que descansavam tranquilos no leito fofo da paz, entregues a sonhos de felicidade e progresso.

Sim, enquanto na nossa terra houve peitos inflamados de ideal nobre e cristão que soltavam este grito de alarme a corações generosos para lhe obedecer, Portugal foi grande.

Mas «não há bem que sempre dure!...» «nem mal que sempre ature!...»

E aqui, neste último, está alicerçada a nossa esperança de ver Portugal encetar de novo os caminhos gloriosos de antanho donde o desviaram as artes do diabo que via o seu poderio diminuir em proveito do reino de Cristo.

A ocasião proporciona-se. Os inimigos estão de novo não já à porta, mas dentro de casa.

Quem são eles?

Ignorá-lo seria criminoso. São os comunistas. Eles andam por aí espalhados, lobos com pele de cordeiro entre a grei pacífica, à espera duma ordem de fora para se lançarem sobre o rebanho desprevenido. Se não fosse o desprevenido, fácil seria surpreendê-los, numa hora de nervosismo ou dum «agora vai», sacudindo na sombra a sua verdadeira cauda de lobos ferozes.

E impossível haver gente de boa fé entre estes senhores, assalariados de satanás para trair a Pátria. A sua miragem não é propriamente a revolução económica; isto é veículo dos explosivos com que pretendem matar Deus e Portugal. As suas teorias são utopias irrealizáveis, as suas promessas são narcóticos para entorpecerem as inteligências e evitam as dores da operação.

O pior é depois, ao abrir os olhos!

(Continua na 5.ª página)

Melgacenses!

No próximo dia 27, pelas 21,30, haverá no Salão Pelicano duas conferências.

S. Ex.cia o Sr. Dr. Miguel Machado, ilustre cate-drático jubilado da Universidade do Porto e filho do Dr. Bernardino Machado, antigo Presidente da República, falará sobre «A Eucaristia e o homem».

O rev. Miguel Selis, 22 anos, Missionário da África portuguesa, falará sobre: «Deus e o homem». Entradas livres.

PREVENÇÃO

A todos os melgacenses, que por esse mundo fora labutam, de olhos fitos na sua Pátria e nas suas famílias, agora que a imprensa estrangeira, emissoras e rádio-televisão envenenam em tão larga escala, a opinião pública, queremos prevenir de que não devem dar crédito a esses órgãos.

Portugal vive em paz e saberá defender com as armas todas as parcelas do seu território.

Choramos a perda destes valentes portugueses, caídos para sempre no cumprimento do seu dever, mas o seu sangue a todos nos une para a hora que estamos a atravessar.

RELIQUIAS DO SANTO CONDESTÁVEL

No próximo dia 4 de Abril chegam a Melgaço as relíquias do Beato Nun'Alvares Pereira.

Que todos os Melgacenses saibam honrar as cinzas do Santo Condestável, que andam de terra em terra a chamar todos os portugueses para o amor de Deus e da Pátria.

No Aniversário Natalício de Sua Ex.cia Rev.mª o Senhor Bispo Auxiliar

Faz hoje anos Sua Ex.cia Rev.mª o Senhor D. Francisco Maria da Silva, venerando Bispo Auxiliar de Sua Ex.cia Rev.mª o Senhor Arcebispo Primaz.

No ano findo o zelo do Prelado percorreu todas as paróquias do nosso Concelho, ao sol e à chuva, dando-se, inteiramente, à actividade apostólica, com sacrifício do legítimo descanso e da saúde.

Há três anos, perfazem-se no próximo dia 31, que o Sr. Bispo Auxiliar espalha em toda a Arquidiocese a luz do Evangelho, com fulgor extraordinário da sua inteligência, com zelo sacrificado, e com uma humildade sem limites.

Saudamos o ilustre Prelado no dia do Seu aniversário, e fazemos votos por que o Senhor lhe conceda a graça de renovar, por longos anos, esta data festiva, para glória de Deus, e fruto espiritual das almas.

A Voz dos nossos Bispos COMO HAVEMOS DE RECEBER AS RELIQUIAS

No Condestável, saudaremos «o Galaaz da Pátria, puro como a aurora e forte como as armas», que «amou a Pátria com paixão e por ela se bateu com audácia de iluminado», contando por vitórias todas as pelejas que travou. No Santo, vamos venerar a bravura da sua personalidade moral, em que mais herói se mostrou, alcançando a suprema vitória que ao homem se impõe: — a do espírito sobre a matéria, a da caridade sobre o egoísmo, a da virtude sobre o pecado.

Na base das suas gestas nos campos de batalha, estão, como o demonstram as crónicas, a fé inquebrantável do homem, que acreditava com a simplicidade e a candura das crianças; o espírito de piedade fervorosa, que o fazia ajoelhar para invocar o Senhor dos Exércitos e sua Santíssima Mãe antes de entrar em luta; o culto da castidade, na humildade e na caridade, que lhe deu as qualidades do verdadeiro Chefe, abnegado e generoso até ao sacrifício, capaz de comunicar heroísmo aos seus próprios subordinados.

Com as nossas homenagens e actos de veneração, faremos sentida prece ao Céu para que chegue, breve, a maior glorificação, há tantos anos desejada: — a sua canonização.

Da exortação Pastoral de Sua Ex.cia Rev.mª o Sr. Arcebispo Primaz

A QUE VEM POIS, NUN'ALVARES?

Ainda não o entendestes?

Tocar a rebate, despertar as consciências, para Portugal continuar fiel ao seu passado e idêntico a si mesmo, em época de confusões e de abdições de toda a ordem, em época em que para a orientação dos povos já não há ideias firmes como catedrais, mas só hipóteses movediças como as areias do deserto que o vento agita.

Da conferência de Sua Ex.cia Rev.mª o Senhor Bispo Auxiliar em 22 de Janeiro do ano corrente no Castelo de Vila-Viçosa.



D. Francisco Moria da Silva

RESPOSTA AO SNR. P.E JOSÉ CANDIDO MARQUES

Sentimos muito não poder-mos concordar com ele na local «Atenção ao Posto de Cavaleiro-Alvo», inserta em «A Voz de Melgaço», de 1-3-61, na qual é injusto para com os habitantes de Lobio. E, para o provar, bastar-nos-á servir-mos das suas palavras, pois termina com um «apelo angustioso para que os seus filhos (os de Cavaleiro Alvo — é claro) não tenham de atravessar montes e passar quase todo o tempo longe do olhar protector de uma Mãe...»

E quer V. Rev.cia condenar os filhos de Lobio a atravessar córregos intransponíveis durante o maior parte do ano, longe do olhar protector da Mãe, expostos à voracidade dos lobos (quase únicos transeuntes entre Lobio e Cavaleiro-Alvo), sujeitos a embarcarem, regueiro abaixo, em qualquer dos dois regatos que têm de atravessar?

Sabe bem V. Rev.cia que

(Continua na 5.ª pag.)

Por terras de França...

Mais uma vez, a necessidade me obrigou a retomar o velho bordão de viagem e a procurar a preciosa saquinha de arrecadar esmolas por essas terras de França e preparar tudo para a viagem.

Não é que eu tivesse muita vontade de sair e de recomendar o que outros diriam a velha sina, sempre de chapéu na mão, a pedir, a pedir...

Mas eu devia já uns 100.000\$00, o que para tirar o sono e causar incómodos, era já o suficiente.

A verdade é que eu não queria sair. Custou-me muito e não sei que adividinhava...

As últimas voltas custaram-me muito, muito mesmo. Pedi aos meus colegas, sr.s P.es Marques e Louço e Justino da vila, me tomassem conta da freguesia e tudo estava já disposto, para que nada faltasse. Mas a verdade é que me custava muito sair.

Se soubessem o que isto custa: — ir por aí fora, à maneira dum pobre mendigo, a pedir, a bater à porta, a pedir entrada...

Eu bem sei que não era para mim, mas o pedir custa sempre. Velhos amigos me animaram a retomar o caminho de França e mais uma vez recolhi direções, sobretudo dos meus paroquianos, a quem tanto devo de carinho e de atenções.

Recordei outras passagens por França, casas de confraternos, onde a porta está sempre aberta; lembrei mais uma vez, essa tão simpática figura (ó Merim, tu dizes-me que não fale mais de ti, mas se eu não falo, falam as pedras dos caminhos...) mais uma vez lembrei a casa do meu velho amigo Merim e da sua família, do Abílio Domingues de Prado e de toda a sua família e outras, tantas outras, onde eu podia entrar, como se na minha fosse.

Mas custava-me muito sair.

E foi então que no primeiro domingo de Agosto, à Santa Missa, fiz as minhas despedidas ao povo. Cá abaixo, na igreja paroquial e em Santa Rita (oh! Santa Rita! Por Ela, só por Ela, eu que eu me resolvi a sair!)

Recordo-me bem: — em Santa Rita disse: — tenho de partir novamente para França e pedir mais alguns donativos para a nossa querida Padroeira; devo já uns 100.000\$000. É certo que 70.000\$00, ninguém me pede, mas os outros, tenho de dá-los num prazo muito próximo.

Se tudo me correr bem, virei daqui a um mês, lá para 5 de Setembro (eu tenho sempre uma grave obrigação nesse dia, ir à Senhora da Penada, no meu dia de anos e pedir-lhe a Ela, que está no Céu, me ajude a ser um sacerdote, segundo o Coração de Seu divino Filho), se tudo me correr bem, dizia, virei lá para 5 de Setembro. Se me não correr bem, regresso já no primeiro comboio.

E a Silvéria, uma simpática mulherzinha do nosso povo, cujo retrato foi divulgado já por uma revista americana, de mãos muito erguidas, e muito atenta, responde alto, lá do seu lugar: — assim seja. Todos lhe acharam graça. Eu, não. Custava-me muito sair naquela altura. (Uma prevenção: — Se a encontrarem, não lhe chamem Silvéria, que pouco faltará para acabar o mundo...)

No dia 8 de Agosto, pelas 16 horas, o meu companheiro de tantas viagens, o Zêquinha Pires, arrancava, com o seu carro de junto da igreja, sem mais formalidades que as de recolher as malas e partir.

Olhei, mais uma vez, para a igreja de Santa Rita alva, viva, tão bonita, a mim parece-me sempre muito bonita, a sua pobreza e desc...

Em Melgaço, o Reinales disse-me que há poucas horas, saíra um carro para França e tinha lugares. Para mim, já era tarde.

Em S. Gregório, alguns velhos amigos, com o antigo companheiro do Seminário, o Vaz, digno funcionário da Alfândega da minha terra, do Rio. Tomamos café, conversamos um pouco e parti. As formalidades legais, tanto de cá como do outro lado, foram as costumadas e o Pessoal dos Serviços foi mais uma vez, muito gentil.

Em Puentes Vargas, conversei longamente com um carabineiro, que fizera a guerra de Libertação de Es-

(Continua na 6.ª pág.)

Sociedade

Aniversários

FAZEM ANOS: — Amãnhã o jovem Ladislau de Pinho Gonçalves; no dia 18 o sr. António Pedroso de Lima; no dia 19 a sra. D. Alz.ª Esteves Fernandes Pereira da Veiga e a menina Petromila Rita Lima Peres; no dia 20 o sr. Raúl Ferreira Cardoso Júnior; no dia 21 o sr. Firmão José de Carvalho; no dia 22 a menina Maria Lucinda Rodrigues de Abreu e o sr. Fernando de Meo Araújo; no dia 23 as sr.s. D. Rufina Pinto e D. Maria Emilia de Carvalho e Melo e o rev. António Domingues Amigo; no dia 24 as sr.s. D. Isolinda de Moura Gomes, D. Maria Edite Natércia Gomes Pinheiro de Almeida e a menina Maria Amélia de Mouras Azevedo; no dia 25 D. Caetano do Céu Fernandes; no dia 26 a sra. D. Cornélia Conceição Gonçalves Merim e o menino António José Martins Moreira; no dia 27 as sr.s. D. Adalgiza Preciosa Passos de Almeida e D. Maria da Conceição Alves Afonso e o jovem João Carlos Marques Pereira de Castro; no dia 29 o sr. Cabo Anibal Vitezes, e no dia 30 o jovem Cândido Rodrigues de Abreu.

S. Paio, 7

Com grande pompa, realizou-se, no passado dia 26, o seu casamento matrimonial da menina Lindalva Rosa Rodrigues com o sr. Silvestre Gomes, sendo este do lugar da Veiga e ele do Barral. No fim e em casa dos pais da noiva foi servido um luto-banquete a numerosos convidados. Desejamos que sejam felizes.

— O sr. Arlindo de Sousa, casado, do lugar da Carpinteira, caiu de uma escada quando andava a consertar um telhado e partiu um braço junto do ombro. Com o seu estado inspirasse certos cuidados, seguiu ontem para o Porto onde vai ser tratado. Desejamos as suas rápidas melhoras.

No passado dia 4, partiram para a França muitos confraternos e vizinhos que por cá passaram alguns meses no convívio familiar.

— Faleceu em Cavaleiro Alvo a sra. Angelina (Pinheira), que em tempo viveu no lugar de Batata, desta freguesia.

— O tempo está a correr às mil maravilhas, oferecendo as árvores um aspecto muito lindo. — C.

Par Santa Rita

Parece que, dentro de breve, teremos o início das nossas obras. E faz-nos falta começar, até porque já há muito tempo que por aqui se não trabalha. E o povo precisa de ver serviço, aliás vai desanimando, o que de maneira alguma se pode permitir. Andar, andar sempre!

Pois as obras irão começar em breve, se Deus nos ajudar.

Para já temos mais alguns donativos: Do sr. Marques, cantoneiro, de Portelinha, que, pelos seus serviços, mereceu uma medalha de bom comportamento, mais 65\$00; do nosso bom amigo, sr. Manuel de Jesus Fernandes, nas vésperas da sua chamada para serviços públicos, mais 40\$00; do Pereirinha, de Loviô, um simpático rapaz, amigo do seu amigo, que foi um valente em França, durante vários anos e aqui apareceu com um carro, os seus 500\$00; de uma menina do Cerdedo, Maria Branca, o seu primeiro ordenado, 202\$00; do sr. António Vaz, de Loviô, gerente duma barragem da Beira, que nunca vem à sua terra que não reparta com Santa Rita, mais 50\$00; do sr. António Rodrigues da Eira, agora em França, mais 500 francos; do sr. António dos Perzes, um outro bravo trabalhador em terras de França, que nunca vem à sua aldeiazinha natal que não reparta com Santa Rita, mais 100\$00 e do nosso bom amigo, Manuel Domingues, da Cela, no seu primeiro regresso de França, mais 50\$00.

Demos graças a Deus e peçamos que estas ofertas vão aumentando. Há tanto que fazer...



Ministério das Obras Públicas

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS HIDRAULICOS

Concurso Público para arrematação da empreitada de «Beneficiação do Regadio de Parada do Monte — Levada da Abelheira», na freguesia de Parada do Monte, Concelho de Melgaço

Faz-se público que às 16 horas do dia 21 de Março de 1961 se procederá, na sede desta Direcção Hidráulica do Douro, à Rua Formosa, 254 — PORTO, ao concurso público acima designado.

Base de licitação : : : 281.195\$00
Depósito provisório : : : 7.030\$00

O processo de concurso encontra-se patente na Sede desta Direcção, na Direcção dos Serviços Fluviais, Rua de S. Mamede (ao Caldas), 23 em Lisboa e na 1.ª Secção desta Direcção, em Viana do Castelo, na Rua da Bandeira.

Porto, 6 de Março de 1961.

O Engenheiro Director,
Fernando Henrique de Lima Lobo

Em Terraços exija sempre

RAL



LION

PARA SUA IMPERMEABILIZAÇÃO

O sistema usado em 95% dos Terraços
Peçam orçamentos

RAL — REPRESENTAÇÕES ANGLO-LUSITANAS, LDA

E. Batalha, 90-2.º PORTO Telefones: 27117/32681

Prado, 10

Os meus estimados leitores—os de Prado, bem entendido—acostumados como estavam a ouvir-me perorar do alto desta tribuna todas as quinzenas sobre os pequenos nadas do dia-a-dia aqui ocorridos, não-de ter estranhado a falta da pré-dica da última quinzena.

O facto é que a minha saúde, que já não era boa, desde o princípio do ano, tem sido o pior possível, o que a continuar assim, com grande mágoa, obrigar-me-á a arrumar a pena e tomar a minha aposentação.

Esta explicação devia-a eu ao meu solícito leitor, momentaneamente aquele que com tanta paciência e resignação vem não só sofrendo os meus pobres escritos, como também, **par-dessus le marché**, me anima e estimula a fim de que prossiga nesta senda encefada, o que não está na minha mão, mas tão somente na de Deus.

Ora, dada a mesma explicação, vejamos o que há, o que houve e o que vai haver neste pequeno mundo onde nascemos—a ridente e bucólica freguesia de Prado.

* * *

Com o nome de António Valdemar, foi baptizado na igreja desta freguesia, em 19 do mês findo, um menino, filho do nosso prezado amigo sr. José Alípio Gonçalves e de sua consorte s.ra Júlia Alice da Ribeira Gonçalves, de Santo Amaro.

—Em 27 também do mês findo, faleceu na sua casa do Coto, a bondosa e virtuosa s.ra D. Ana Benedita Pires Cerdeira, filha de Manuel Pires e de Maria Joaquina Cerdeira, descendente dos Velosos do Rio do Porto, onde nasceu em Julho de 1880. Casara, em 24-7-1899, com o depois capitão da G. F. João Manuel Gonçalves Ferreira, natural de Mourilhe, Montalegre, de quem enviuvou em 3-12-1952 e de quem não houve geração. Era cunhada da s.ra D. Julieta Simões Ribeiro Cerdeira, e tia das s.ras D. Maria Adelaide Pires Cerdeira da Rocha e D. Ana do Céu Pires Cerdeira e dos srs. Francisco Gervásio e Luís Vicente Pires Cerdeira.

O funeral da chorada extinta realizou-se no dia seguinte com missa e officios de corpo presente, tendo os seus restos mortais sido levados na carreta dos B. V. para o cemitério da Vila, onde ficaram depositados em jazigo de família, ao lado dos do seu defunto marido. Pelo percurso, tanto da casa para a igreja como daqui para o cemitério, foram organizados vários turnos, e no préstito viam-se muitas coroas e ramos de flores naturais.

Paz à alma da virtuosa finada e à família dorida, em meu nome e em o de «A Voz de Melgaço», apresento as minhas muito sentidas condolências.

—Após 40 anos e 9 meses de bom e exemplar serviço, durante o qual grangeou a estima e o respeito nem só dos seus superiores e subordinados como também as do público em geral, acaba de ser aposentado o nosso respeitável amigo e digno cabo de G. F. sr. Aníbal Vieites. Não o felicito, porque quando se alcança a reforma por direito próprio é sinal de que se tem idade para ela; mas faço votos para que Deus lhe acrescente muitos anos de vida, para assim, à sombra da sua vinha e da sua figueira, poder gozar o merecido descanso que agora, neste 60.º ano da sua vida, tão meritóriadamente alcançou.

—Fixaram residência em Lisboa, o nosso estimado amigo e assinante sr. José Simplicio Moreira (Peleila) e sua esposa. Porque se trata de pessoas em extremo simpáticas, bem dadas e prestáveis, custa-nos vê-las afastar daqui para tão longe, mas elas procuram o seu bem estar e ninguém tem o direito de lho impedir. Pois que a vida lhes corra a seu inteiro desejo é o que muito estima este seu amigo.

(Continua na 4.ª página)

Paços, 9

FALCIMENTOS — Há dias no lugar das Granjas o Senhor António Lopes, no lugar da Cruz, a s.ra Francisca Dornes. Paz às suas almas.

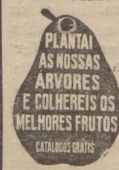
NASCIMENTOS — No lugar do Govendo deu à luz um lindo menino, a esposa querida do nosso amigo sr. Henrique Conde, comerciante na Grova, Paços, e também deu à luz um menino a s.ra Aurora Mendes, do lugar do Campo das Bouças, graças a Deus, todos de perfeita saúde: as mães e meninos.

Tenho prazer de comunicar com grande regozijo que o caminho central que parte da Estrada Nacional, que vai a igreja Paroquial se encontra em grande reparação. Parabéns a quem cabem.

Tenho a comunicar que o que se está a seguir nos caminhos da nossa freguesia no Barreiro não pode descer um carro com adubos para as propriedades dos referidos proprietários. Temo de ir pela Grova, descer pelo Outeiro, tendo de abandonar o caminho directo. Outros caminhos de serventa para os montes, também precisam do mesmo arranjo, pois se encontram intransitáveis devido às grandes chuvas torrenciais que desde há tempos tem vindo. É necessário um Fontanário no lugar da Ferraria pois os habitantes tem de se deslocar à fonte Nova.

—C

AS MAIS SELECIONADAS ARVORES DE FRUTO



As melhores sementes de flores e de horta.

As mais lindas ROSAS premiadas em concursos internacionais.

Camélias, arbustos, arvoredos, bolbos, insecticidas, fungicidas. Construção de jardins, parques e pomares.
ALFREDO MOREIRA DA SILVA & F.ºs Lda
Telefone 21957
Rua D. Manuel II, N.º 55
PORTO
Teleg. Roselandia — Porto
CATALOGOS GRATIS

Recordações

Melgaço, 25-2-961.

Porque, para mim, leigo mas modesto, sem vaidades, e muito menos soberbo, atrevo-me de novo a escrever, para as colunas de um jornal, que considero e por quem tenho a máxima consideração, por todos os seus dirigentes.

Costumo a ser breve, sem vaidades descabidas, e portanto, vou ver se, em poucas linhas, consigo atingir o fim.

Venho, pura e simplesmente, fazer justiça ao bom amigo Abade de Rouças, que também é o Arcipreste digno de Melgaço.

Sei que talvez lhe vá ofender a sua modéstia.

Saiba relevar a minha falta e de mais uma vez, lhe vir prestar preito, render-lhe homenagem que merece.

Devem, se a memória me não falha, ter transcorrido 10 anos, que à mesma mesa o bom amigo, consentiu, me sentasse, comesse, bebesse e me tratasse com a educação que o categorisa, com a lhanês que o levanta.

E hoje 25-2-961, fê-lo da mesma forma, e por Deus querer o «menú», foi idêntico, os convidados já conhecidos e outro, que por ele me foram apresentados, tudo correu bem, e todos, levantamos a Deus as nossas preces, a pedir melhores dias, para ele e todos nós.

Os acepipes, óptimos, o belo e típico cozido à Portuguesa e a lampreia também não faltaram.

Nossa Senhora de Fátima consinta, para o ano de 1962 nos juntemos novamente todos.

Deus lhe pague, bom amigo.

A minha gratidão é eterna.

O creado humilde de V. Ex.cia

Alfredo Augusto Gonçalves Pires

«O Meu Ficheiro»

(Continuação da página 6)

Viuvo e já no fim da vida, Fernão Anes, cansado do mundo, recolheu-se ao Real Mosteiro de Fiães, onde faleceu em 1422, e onde foi sepultado no túmulo em referência—título que durante muitos anos esteve junto ao altar de S. Sebastião e presentemente acha-se arrumado sob o coro como as coisas encômodas.

Do seu casamento ficaram, pelo menos, dois filhos:

1.º—Alvaro Rodrigues de Lima que sucedeu na casa paterna, mas que faleceu em 1428, sem geração; e

2.º—Leonel de Lima, que à data do falecimento daquele seu irmão, era criado do Infante D. Duarte—depois rei—conseguindo que D. João I, por carta de 24-1-1429, lhe confirmasse as terras que ao primogénito tinham pertencido. Casou este com D. Filipa da Cunha, filha dos 3.ºs Senhores de Pombear, Alvaro da Cunha e D. Brites de Melo, sua esposa; por carta de 26-4-1464, D. Afonso V nomeou-o alcaide-mor de Ponte de Lima, e por nova carta, datada de Toro, de 4-5-1476, o mesmo monarca conferiu-lhe os títulos de Dom e de Visconde de Vila Nova da Cerveira, sendo, assim, o primeiro visconde que houve em Portugal.

De Leonel de Lima, descendem os Condes dos Arcos, Marqueses de Ponte de Lima, bem como muitos outros fidalgos—ilustres uns e da pioria outros... E isto, se vivo fosse, confirmaria o Arcebispo Primaz, D. Luís Pires, pois, por andarem escritas em letra de forma e em várias fontes, são sobejamente conhecidas as violências, vexames e prepotências de vária ordem que o troculento alcaide-mor de Guimarães, Fernão de Lima, 3.º filho daquele Visconde, em 1468, cometeu contra o referido Prelado, que por mais duma vez teve de roer as passas do Algarve... Mas isto são já outros contos que não vem para aqui chamados.

MARIO

Pinto de Magalhães, L.da

BANQUEIROS

CAPITAL E RESERVAS: Setenta e cinco milhões de escudos

PORTO — Rua Sá da Bandeira, 53 — Telef. 20133 (P. P. C.) 7 linhas
LISEOA Rua do Ouro, 95 — Telef. 366056 (P. P. C.) 5 linhas
AMARANTE * ARCOS DE VALDEVEZ * PENICHE * ELVAS * VILA DA FEIRA * FATIMA

CORRESPONDENTE NO RIO DE JANEIRO

Pinto de Magalhães, L.da — Rua do Ouvidor, 86

Faça render as suas economias depositando-as em

Pinto de Magalhães, L. da

BANQUEIROS

Todas as Operações Bancárias

«Vida por vida»

(CARTA ABERTA A TODOS OS AMIGOS DE MELGAÇO, EM QUALQUER PARTE DO MUNDO)

Caro Amigo de Melgaço:

É já muitíssimo conhecida a frase com que te chamamos a atenção.

Já alguma vez te aborreceste de a pronunciar ou até de a ler?

Que sentes quando aqueles que te dirigem, lhe conhecem todo o significado?

Nos tempos em que a **Humanidade** se contradiz em todos os seus ideais — os mais altos, a sua salvação — e em todos os seus actos — enquanto se não aniquila —, tens meditado, ainda que ligeiramente, no profundo sentimento de **humanidade** que encerra?

Pois caro Amigo:

Foi sob o impulso mágico desse símbolo que, em 1926, nesta terra, que se orgulha do seu povo e dos que lhe querem, se viveu um movimento tão alto, que lhe marcou, com certeza, mais um capítulo na sua tão digna história.

A história de uma Terra é o orgulho máximo dos seus Filhos!

E quando ela pode, e deve, contar-se, fazê-la saber e compreender a todos, especialmente aos que, porventura, a esquecem, a renegam, seja a que título fôr?

História de Melgaço! ...

Sabemos quem há-de folheá-la um dia, juntando todos os seus capítulos com elevação, já comprovada.

Só ela poderá manter o seu povo alerta, dar ânimo a algum pusilânime que se não lembre que a «guerra em casa, faz gozar os de fora».

Sabemos melhor que tu és um Melgacense, pelo nascimento ou pelo coração e que «por pouco sensíveis que sejamos, entram mais coisas em nós pelo coração do que pela cabeça!»

Repara:

«POR UM MELGAÇO MAIOR»

«Aos Melgacenses d'aquém e d'além-mar e a todos Aqueles espirítos altruístas e alevantados, apresentamos esta grande subscrição para a compra da nossa séde e do respectivo material de incêndio.»

Sabes quando foram dirigidas estas palavras, a ti ou aos teus queridos antepassados?

Em 1926!

Estão tal como, então, foram escritas, mas...

Levanta o teu coração, dá-lhe o poder do teu saudável espírito e contempla-as!

Rasga-lhes a forma e tenta aspirar o perfume alentador que contêm.

Toma o comando do sangue quente que te confunde o cérebro e procura o teu brio, o teu orgulho, seja o teu baírrismo.

Não te parecem actuais?

«O passado guarda um reflexo dos nossos primeiros sonhos e parece superior ao presente, simplesmente porque é o passado.»

Tem paciência, mas...

Repara:

Sócios Fundadores

(Comissão Organizadora)

- Dr. Américo da Freitas Coutinho Maltez
- Dr. Armando António Barbosa
- Ernesto Viriato Ferreira da Silva
- Hermenegildo José Solheiro
- Dr. José Joaquim da Barros Durães
- Dr. Augusto César Ribeiro Lima
- Dr. António Francisco de S. Araújo
- Dr. Augusto César Esteves
- Dr. António Cândido Esteves
- Abel José Nogueira Dantas
- José Pires Louro de Oliveira
- António Joaquim Esteves
- Germano Alves Carabel
- Duarte Augusto de Magalhães
- Manuel José da Costa
- P.e António Manuel da Cunha
- Manuel Solheiro Esteves.

E verdade, meu Caro Amigo. Foram estes que te,

(Continua na 5.ª página)

Parada do Monte, 10

NASCIMENTO — Deu à luz uma criança do sexo masculino a sra. Albertina Rodrigues, esposa do sr. Manuel Esteves, do lugar do Pereiral.

Para França têm partido e continuam a partir muitos homens e rapazes que vieram passar as festas do Natal com suas famílias e agora regressam àquela terra hospitaleira, a retomar os seus trabalhos.

O TEMPO E A AGRICULTURA — Após quinze dias de bom tempo voltou a chover torrencialmente, acompanhada de ventos ciclónicos. O bom tempo que fez, muito contribuiu para que os nossos lavradores atassem muitas videiras e semeassem muitas batatas.

IDEM, 10

Já regressou do Hospital de Melgaço o sr. Mamel Pires, do Coto do Paço, que fora fazer tratamento a uma perna. Também de Oranço, Espanha, regressou a Sra.ª Rosa Lourenço que naquela cidade, se sujeitou a uma operação, e agora se encontra na sua casa na Lagarteira, em convalescença.

CASAMENTO — Celebraram-se ontem os nupcias Abel Pires, do lugar do Tablado, a menina Piedade Rodrigues, do lugar do Casal. Após a cerimónia religiosa, realizou-se em casa do noivo um banquete em que tomaram parte numerosos convidados. Aos noivos que são dotados de excelentes dotes físicos e morais, auguramos uma perene lua de mel, e que lhes pêsse por não terem dado este passo mais cedo.

VIAJANTES — Para Cascais partiu a sra. Isaura de Carvalho, e sua sobrinha Maria Rocha. Para Vila Verde partiram as sras. Rosa Pereira e sua irmã menina Anésia Pereira. De Madride veio passar uma temporada em casa de seu genro Júlio da Cunha e sua filha Maria Afonso, a sra. Maria Rodrigues, do lugar da Aldeia Grande.

Já recommoçaram os trabalhos da estrada para esta freguesia. Oxalá que dêem um impulso bom este ano para vermos logo realizado este nosso desejo. Pois é um melhoramento que todos nós ansiamos ver realizado para o progresso da nossa terra.

O TEMPO E A AGRICULTURA — O tempo após dois dias de chuva melhorou. Agora vai um tempo que parece S. João. As videiras estão todas a rebentar, o que já há anos não acontecia neste tempo. Oxalá que a primavera entre com bom tempo como agora, mas quase duvidamos.

—C.

Cortejo de Oferendas

São já horas de fechar as nossas contas. Bom é que demos conta do que se recolheu, a todos os nossos amigos, a todos os Amigos do nosso hospital.

Falta ainda recolher alguns donativos, mas o que temos apurado nesta data sobe a 150.666\$60.

Graças a Deus! Foi uma jornada linda esta do cortejo e, mais uma vez, o nosso concelho esteve presente com todo o seu entusiasmo, numa batalha que é de todos nós.

Nunca serão demais os nossos agradecimentos. Aqui os repetimos, com a mais profunda e sincera gratidão. A todos, nos confessamos muito obrigados.

Ao «Noticias de Melgaço» e a «A Voz», que sempre nos acompanharam nestes trabalhos, os nossos agradecimentos. Sem eles, não podíamos chegar tão longe.

Segue a lista de donativos por ordem das freguesias:

D. D. Assistência	10.000\$00
G. Civil	9.000\$00
Freguesias:	
Paços	3.777\$50
Penso	4.734\$50
Fíes	8.850\$00
Parada do Monte	7.200\$00
Gave	1.900\$00
Cubalhão	1.460\$00
Alvaredo	4.755\$60
S. Paio	7.142\$50
Rouças	11.341\$50
Paderne	11.900\$00
Prado	7.395\$00
Vila	29.550\$00
Couso	3.050\$00
Chaviães	7.910\$00
Remoães	2.347\$50
Lamas de Mouro	1.852\$50
Castro Laboreiro	6.500\$00
Cristóval	10.000\$00
Soma	150.666\$60

Melgaço, 28-11-1961

A Comissão Administrativa

Prado, 10

(Continuação da 3.ª página)

— Pelo falecimento de sua tia, também passou a residir definitivamente nesta freguesia o sr. Luís Vicente Pires Cerdeira, muito digno proposto do tesoureiro da Fazenda Pública deste concelho.

— A França já regressaram quase todos os emigrantes que aqui se encontravam, tendo tido a gentileza de virem apresentar-me cumprimentos de despedida, com o que muito me sensibilizaram, os srs. Emídio José de Castro, Guilherme António Alves de Melo, António Luís Afonso e José Elias de Sousa.

— No próximo dia 22, há-de ter aqui lugar a desobriga geral para a Comunhão Pascal.

— Os Serviços Florestais vão tomar conta do monte baldio desta freguesia, bem como dos das freguesias da Vila e de Remoães, para o que, no próximo dia 27, no edifício da Câmara Municipal, há-de ser ouvidos em inquérito os respectivos povos, a fim de serem conhecidos os usos relativamente ao trânsito, águas, pastos e aproveitamento dos produtos florestais e minerais nos terrenos citados.

Porque os tempos são de progresso, a medida é acertada — e era por aqui que os falados Serviços deviam ter começado; isto é: há uma dúzia de anos... — mas não faltam por aí as **botas de elástico** que chorem lágrimas de crocodilo por vê-la entrar em vigor, esquecidos de que se deve sacrificar as regalias de alguns pelo bem de todos. De resto, «aquilo» como está, sem rei nem roque, só produz pedras e... pouco mais. Portanto, para a frente é que é o caminho. Ora, pois!...

— E foi a Lisboa donde já regressou, o nosso prezado amigo sr. António Gonçalves Pereira (Tonecas). — (C).

Vida por vida

(Continuação da página 4)

enviaram a mensagem que acabaste de ler.

Já alguma vez surpreendeste o teu coração a pulsar como o dos Sócios Fundadores?

A empresa era árdua — em 1926!

Eles, porém, eram dos de «antes quebrar...»

E, assim como «de um rato não pode nascer senão outro rato», assim da Força dos Homens, cujos nomes te recordamos, não podia nascer senão outra Força.

Todos os Amigos de Melgaço se Lhes uniram e disseram «SIM».

O seu valor, o seu poder, a voz de cada um chegou a toda a parte, e ecoou, levando o seu pregão: «Vida Por Vida».

Pela última vez, repara:

Em 21 de Março de 1927, foram discutidos e aprovados em assembleia geral os Estatutos da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Melgaço.

Aproveita este momento para que a tua alma possa recuar, em pensamento, a tão distante data, e presta a homenagem, a muita gratidão que deves a todos os que, de qualquer modo, contribuíram para que tão benemérita Associação fosse fundada.

Presta a tua justa homenagem a todos os que A têm servido, desinteressadamente, desde então para cá.

Mas atende bem: — a todos! Que, se algum, porventura, não serviu mais, foi porque não pôde, foi porque o não deixaram.

De quem a culpa?

Talvez tua...

Entra na tua consciência...

«Nem só de pão vive o Homem», mas pode deixar de viver se consentir que a língua lhe corte a cabeça.

Os que serviram, todos, repetimos, a Associação, fizeram **tudo** quanto estava ao seu alcance para que os seus nobres ideais não fossem, em parte, agora, «sonhos do passado».

E tu, fizeste **tudo**?

Ou fizeste aquilo que não devias?

Essa «guerra fria», esses ataques subterrâneos, junto, quantas vezes, daqueles que te escutam, que te acreditam...

Esse desânimo junto dos teus amigos...

Tudo passou, porém.

Sabemos que amas a tua Terra e tudo quanto lhe pertence, porque te pertence também.

A Associação é tua.

Promete cumprir o teu dever.

Em tudo o que poderes, não fujas de ajudar os Homens que actualmente a servem.

Atento:

«A quem dão, não escolhe».

Hoje, este primeiro mandamento.

Na próxima carta, poderemos fazer-te outras recomendações e, então, poderás dizer aos teus amigos que os «sonhos do passado» se tornaram «realidades do presente».

Saudam-te e confiam em ti

Os da Direcção,

Tenente Vasco Ferreira Machado Vilas Boas
P.e Justino Domingues
Armando da Mota Solheiro
João Hilário Gonçalves
António José Machado Duarte

Ontem e hoje...

(Continuação da 1.ª página)

É preciso aprender nos exemplos alheios!

Está em jogo a integridade da Pátria e o serviço de Deus. Pessoas há que deixando-se levar na onda do económico se desinteressam de saber se os direitos inalienáveis e sagrados da pessoa humana nas suas relações com os semelhantes e com Deus serão respeitados ou não. Mas o homem não foi criado para viver num mundo transformado em jardim zoológico, com a inteligência vergada sobre o estômago.

Se assim fosse seria melhor a sorte dos... irracionais.

O homem foi feito na perpendicular, com os pés na terra e a inteligência no «além».

Católicos, Portugueses, por Deus e Portugal, contra o comunismo, Arraial!... Arraial!...

M. D.

Duas grandes peregrinações

Uma viagem cultural em autocarro ao estrangeiro durante o próximo Verão

PEREGRINAÇÃO A LURDES E ROMA

em trinta e seis dias
Com passagem pela Espanha, França e Suíça
25 de Agosto a 29 de Setembro de 1961. Preço total por pessoa: 8.100\$00.

PEREGRINAÇÃO A LURDES

em vinte dias

Com passagem por muitas cidades da Espanha e da França e estadia de cinco dias em Paris
2 a 21 de Julho de 1961
Preço total por pessoa: 3.750\$00

VIAGEM CULTURAL A ESPANHA

Com ida pelo Norte e regresso pelo Sul, durante catorze dias, 4 dias em Madrid 3 em Sevilha
6 a 19 de Agosto de 1961
Preço total por pessoa: 2.600\$00

N. B.: — Nos preços supra apresentados estão incluídos: passaporte colectivo, alojamento e três refeições diárias em hotéis de segunda classe e transporte em moderno autocarro panorâmico.

—As pessoas interessadas em qualquer das duas peregrinações ou na viagem cultural, poderão obter informações pormenorizadas e outros esclarecimentos úteis no Cartório Paroquial de Maceira-Lis, na Agência de Viagens «ATLAS» — Avenidas Combatentes da Grande Guerra — Leiria ou ainda enviando correspondência para P. Adelino da Silva Nunes Maceira-Lis — Leiria.
Tel. 97117

Rouças, 28

Terminou ontem a nossa missão que foi pregada pelo Sr. Padre Miguel, do Instituto Missionário, de Fátima.

A última tinha sido em 1957 e, por isso, já se esvaia um pouco fora dos cânones. Graças a Deus, tudo correu bem. Não como queríamos, mas, graças a Deus, bem. Bastia dizer que se abeiraram da sagrada mesa da comunhão umas 1.050 pessoas.

(Continua na 6.ª pág.)

RESPOSTA AO SNR. P.E JOSÉ CANDIDO MARQUES

(Continuação da 1.ª página)

não estamos a falar de cor, ou, como soe dizer-se, a filosofar; em dia, que, de momento não recordamos, valeram a uma filha de Armando Pires e Alice Meleiro o Sr. Professor Manuel Augusto Vaz e um seu jornalista, Maximiano de Freitas, que, pressurosos, acudiram ao primeiro grito angustioso da infeliz criança, que, de volta do Posto, enfrentou um lobo, que se preparava para a comer. A fera foi escorraçada, a fogo, e a menina, quase inanimada e já sem fala, foi levada a casa de seus Pais.

Anteriormente, em dia que também não recordamos, na ida para o Posto, o estudante da 1.ª classe, Abel Augusto Vaz, hoje um dos melhores alunos do 4.º ano de Direito na Universidade de Coimbra, ao passar o primeiro regato, o menor, tentou o salto mas caiu na água. Foi socorrido por um seu vizinho, Mário Gonçalves, que estava presente e o apanhou pela sacola, salvando-lhe, assim, a vida, já bastante abaixo do local escolhido como o melhor para efectuar o salto, já que na travessia do caminho não há ponte e o caudal de água, ali, é muito volumoso e extenso. Se o caso tivesse acontecido no segundo regato, onde já caiu uma vaca e afogou depois de ser impelida pela água contra vários rochedos, teria sido impossível salvá-lo.

Que desastre!...

Permita-nos que vamos ao ponto de ajuizar a sua local.

Há uma boa década (para muitos mais de duas) que os homens e rapazes válidos de Cavaleiro-Alvo emigraram para França e outros países e por lá amealharam grande soma de dinheiro com que fizeram várias compras por essa Ribeira abaixo, construíram autênticos palacetes, aumentaram e embelezaram a Capela e muito outro está entulhado nos bancos na C. Económica. Que fizeram a favor do edifício do Posto?

O que não queremos, não consentimos, é sermos nós, os de Lobio, a pagar cara essa «comodidade» — seriam muitos a serem sacrificados por causa de poucos. E não agimos deste modo nem com o propósito de prejudicar os de Cavaleiro-Alvo nem com o fim de nos esquivarmos a frequentar a Escola. Essa ideia vive arreigada em nossos corações há muitos anos. A comprová-lo está o facto de em Lobio haver formados padres, doutores, professores, etc. e outros em vias de formação próxima.

A criação do Posto de Cavaleiro-Alvo o que acarretou aos de Lobio? No Inverno é impossível e perigosíssimo vencer os 2.000 metros que, aproximadamente, separam os dois lugares; no Verão é insuportável o cheiro fétido do curral que está por baixo da sala de aula, sendo necessário, segundo nos informou a S.ra Regente que lá esteve há dois anos (D. Adelaide da Glória Alves), ir dar aula ao ar livre. E não queremos falar noutras coisas que pretendemos deixar no olvido. O que, sim, queremos fique bem esclarecido é que, pelos motivos apontados e suficientemente concludentes e convincentes, para bem da instrução e paz e sossego dos encarregados de educação, nós os de Lobio, velhos, novos e crianças, de ambos os sexos, louvamos a resolução, da qual, nem por nada, arredamos: «as crianças de Lobio nunca mais voltam a frequentar o posto de Cavaleiro-Alvo».

Somos amantes da instrução, queremos-la completa, não nos poupamos a sacrifícios para a conseguir, sejam eles de que ordem forem. Temos a Escola de Rouças que dista mais um bocadinho do que o Posto. Que interessa isso, se as vias de acesso a ela são uma estrada florestal ou um caminho camarário abrigado de temporais e liberto de perigos que possam ocasionar desastres e sempre a intranquilidade, como sucede com o que conduz a Cavaleiro-Alvo?

Sabe bem que, em dias de temporal, ainda que se conseguisse debelar os perigos dos regatos e a acção das feras, é impossível transportar o alto de Cavaleiro-Alvo. Por isso, as nossas crianças irão sempre para a Escola. E queremos que vão já. Nós (os de Lobio), todos (Clero, Nobreza e Povo), somos fervorosos apologistas do Estado Novo, temos inteligência suficiente para concordar com Ele, força para o apoiar e servir, e, sobretudo, vista para admirar a Sua obra progressiva. Queremos seguir, a par e passo, esta obra. E, nem por nada, nos vem à ideia que Ele deixe de nos fazer justiça nesta pretensão tão justa como necessária.

Ao Governo, pois, e, muito especialmente, às Autoridades escolares aqui fica exarado o pedido unânime do bom povo de Lobio: «imediate autorização de as crianças de Lobio frequentarem as Escolas da sua freguesia — Rouças».

A Bem da instrução, da paz, da Nação.

MANUEL MELEIRO

GENTE E COISAS
DE
"O MEU FICHEIRO"

UM TUMULO

Quem transponha os humbrais da porta principal do histórico e vetusto Mosteiro cisterciense de Santa Maria de Fiães, logo, à sua direita, deparará com um elegante túmulo de granito levantado, coberto com tampa bizelada ou chanfrada, assente sobre dois suportes de secção quadrangular terminados por cabeças de forma humana, e ornado com vários motivos esculpidos em baixo-relevo.

Assim, o costado direito da arca ostenta dois brazões heráldicos, ambos de **Lima**: — de ouro, com quatro palas de vermelho — e a tampa, na face do mesmo lado, apresenta mais dois brazões. Destes o do topo superior, que sobrepõe uma espada, é também de **Lima**, e o do topo inferior, que é rematado por um lírio ou flor-de-lis, deve ser de **Sotto Mayor**: — de prata, com três faixas, de três tiras, escaquetadas de ouro e de vermelho, cada faixa carregada de um filete de negro. Assim como está as faixas estão unidas entre si e omitiu-se-lhes a carga do filete. A não ser... a não ser que o que ali vemos seja não **Sotto Mayor**, mas **Valladares** (de Galiza); e, assim teríamos um escudo enxadrezado de ouro e de vermelho, de seis peças em faixa e sete em pala. A face direita da mesma tampa apresenta uma cruz florenciada (de verde) e o costado da arca, do mesmo lado, é provável que também ostente alguns motivos esculptóricos, mas como o túmulo está arrimado à parede nada se pode ver.

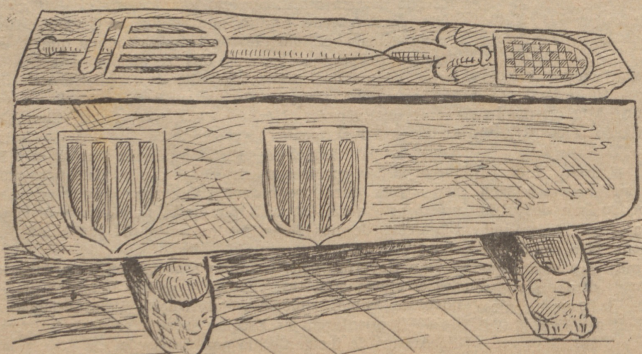
Agora, a espada significa que o titular daquele túmulo foi guerreiro; o lírio que foi leal e honrado, e a cruz florenciada que foi cavaleiro da Ordem Militar e Religiosa de S. Bento de Aviz. E, de facto... tudo isso e algo mais foi ele.

Mas, afinal, quem repousa ou melhor quem repousou naquele momento?...

Ora quem havia de ser... Foi Fernão Anes de Lima, o progenitor certo dos Limas portugueses, filho de D. Inês de Sotto-Mayor e de Alvaro Roiz de Lima, fidalgo galego que tendo abraçado a causa de D. Fernando quando este rei em Junho de 1369, invadiu a Galiza, perdida que a mesma foi, se omiou em Portugal, onde aquele rei, entre outras mercês, por carta de 2-7-1371, o nomeou alcaide-mor de Melgaço, cargo que manteve até 19 de Dezembro do ano seguinte, data em que lhe sucedeu Vasco Gomes de Abreu.

Foi Fernão Anes de Lima casado com D. Teresa da Silva, filha do copeiro-mor e 1.º Senhor de Vagos, João Gomes da Silva e de sua mulher D. Mariana Coelho, e foi um fiel e leal servidor de D. João I, que em recompensa dos seus bons serviços, nem só o fez cavaleiro da Ordem de Aviz como também, por carta de 24-7-1398, lhe deu para si e para seus descendentes legítimos, a Casa de Giela e a terra de Valdevez, com jurisdição no civil e no crime; e, meses depois, por nova carta de 21-1-1399, a terra de Fraião, Coura, S. Martinho, Santo Estêvão, Geraz e outras, de juro e herdade.

(Continua na 3.ª pág.)



TUMULO DE FERNAO ANES DE LIMA
(Vigoroço desenho à pena, por Manuel Igrejas)

Rouças, 28

(Continuação da 5.ª pág.)

A chuva prejudicou bastante, mas também o bom tempo nos contrariou, pois, ao fim de seis meses de chuva os dias bons são aproveitados sofredamente. Demos graças a Deus e oxalá se façam sentir os frutos.

— Há dias, ardeu parte da casa da Sra. Erminda de Barros, do Calvário. Foram incansáveis os vizinhos e assim se pôde evitar um grande desastre.

Também aqui apareceu a G.N.R., dirigida pelo seu digno comandante, que prestou óptimos serviços.

— Partiram já muitos rapazes para França e muitos deles não o fizeram, sem se despedir da sua igreja e cumprir a sua obrigação de desobriga. Eis, rapazes, assim é que se faz! Entre vários que tiveram a gentileza de nos abraçar, na sua despedida, contam-se os nossos amigos, João, dos Carvalhos, Victor do Crasto e Gil, também dos Carvalhos. Que o bom Deus os proteja.

— A carta do nosso conterrâneo, José Rodrigues, que aqui foi publicada, há tempos, fez um sucesso, pois andou de mão em mão e todos a querem ler. Que bom era que mais rapazes nos escrevessem a contar os trabalhos de França e a sua vida religiosa, pois Deus, acima de tudo.

— Para o Brasil, com alguma demora, partiu o nosso bom amigo Sr. Teodoro, de Corvões. Que tenha boa viagem.

— Tem estado muito doente a Sra. Maria do Bernardito e a Sra. Lucrecia, ambas de Surrabas. Esta foi ontem para o hospital. Desajamos-lhes francas melhoras.

— Também com sua esposa, partiu para Digoia, França, o nosso amigo, Henrique e Celestino Afonso.—C.

Por terras de França..

(Continuação da 2.ª página)

panha e também partira para a Rússia, creio na Divisão Azul. Aguardava então a saída da camioneta.

O que então me contou da guerra civil... O que me contou da Rússia esse agente da Ordem do vizinho país!... Mas o tempo não me permite delongas.

De Puentes Vargas a Orense, a minha viagem parecer-se-ia com a dum satélite, ultra-rápido, que venesse de longe todas as barreiras, inclusive a do som, Levou-me umas 3 horas... E podia ser mais.

Mas eu já ia vacinado para todos estes contratempos.

Nesta cidade, era minha intenção visitar o meu velho amigo sr. Padre Vicente Gonzalez, da Cúria Diocesana, mas não pude, já que o comboio para Madrid estava a chegar a era-me necessário tomar alguma coisa, para a viagem.

* * *

Pelas 23,30, arrancamos da estação de Orense e dispuzemo-nos a passar, com a calma possível, as dezenas de túneis que a ligam a Zamora.

Tivemos o tempo suficiente para conversar e descansar, até Madrid, já que para estes comboios — era o expresso — e estas distâncias não se pode vir com impaciências.

E seriam umas 10 horas do dia 9, quando chegamos a Madrid, depois de, mais uma vez, contemplar, com emoção e ternura, a igreja e anexos do Escorial e a imponente cruz do Valle de los Caidos.

É impossível passar aqui, sem uma breve meditação.

A cruz, lá no alto, cruz de paz, de bênção, por sobre os corpos de tantas vítimas da guerra civil, essa guerra que custaria um milhão de vítimas.

Tanto se grita por liberdade... E um milhão de vítimas!

* * *

Em Madrid descansei um pouco, para retomar a viagem, agora de avião, para Barcelona. Dali para a França, outra vez de comboio.

E até à próxima, se Deus nos ajudar.

P.e Carlos Vaz

GRI... GRI..GRI.

No primeiro domingo deste mês fui a Cristóval, e, casualmente, pelas 11 horas, assisti, junto ao cemitério, à passagem dum camião carregado de madeira para construção de algum prédio certamente, pois, pelo meio dia, no mesmo local dava entrada um outro camião carregado de areia. Ora esta areia foi certamente carregada na margem do rio Mouro, em lugar bem próximo da estrada nacional.

Que o Rev.do Sr. Abade de Ponte do Mouro não aplicasse a multa aos seus paroquianos que, em vez de assistirem à missa, andaram a carregar o camião de areia, admite-se, porque a Lei lho não faculta, mas que a Fiscalização do Trabalho durma, a ponto de tanto se abusar da legislação em vigor, não está certo.

Vinhos

Aproxima-se a época em que a conservação do vinho corre seu risco, e, para se poder dormir com certa tranquilidade, aconselham os Srs. Engenheiros Agrónomos a trasfegar o vinho neste mês, em dia claro, com vento norte ou leste.

Depois... S. António.

GRILLO